

**FEMINICÍDIO ÀS AVESSAS? ANÁLISE CRÍTICA DOS
DISCURSOS NA MINISSÉRIE “ELIZE MATSUNAGA:
ERA UMA VEZ UM CRIME”**

Guianezza M. de Góis Saraiva Meira (UERN)
guianeezasaraiva@uern.br

RESUMO

Os crimes hediondos ocorridos no Brasil têm ganhado destaque nas mídias televisivas, digitais, bem como nas plataformas de *streaming*, a exemplo da Netflix. Isso porque os detalhes grotescos e sórdidos provocam grande impacto na sociedade, justificando, assim, o interesse pela informação e o conseqüente acompanhamento dos fatos. Partindo dessa premissa, este trabalho tem como objetivo analisar os discursos reverberados na minissérie “Elize Matsunaga: era uma vez um crime”. Nesse sentido, interessa-nos verificar como o patriarcado e o conservadorismo social são evidenciados, além de refletir sobre as inúmeras relações de poder intrínsecas à relação matrimonial de Elize e Marcos Matsunaga. Para isso, recorrerei aos postulados da Análise Crítica do Discurso, com foco na corrente social de Fairclough (2016). Ademais, as premissas de Del Priore (2013, 2020) e Meira (2016) serão cruciais para a discussão acerca do feminismo e suas múltiplas faces. Os resultados indicam que a série coloca Elize Matsunaga, mais uma vez, na condição de ré; sendo que, desta vez, é o telespectador quem define a sentença. Convém pontuar, ainda, que os episódios apresentam, continuamente, a forte valorização do império patrimonial construído por Marcos Matsunaga, acentuando, portanto, a pressão da mídia e da sociedade sobre o julgamento do homicídio.

Palavras-chave:

Feminismo. Crime hediondo. Elise Matsunaga

ABSTRACT

The heinous crimes that occurred in Brazil have gained prominence in television and digital media, as well as streaming platforms, such as Netflix. This is because the grotesque and sordid details have a great impact on society, thus justifying interest in information and the consequent monitoring of the facts. Based on this premise, this work aims to analyze the discourses reverberated in the miniseries “Elise Matsunaga: once upon a time a crime”. In this sense, we are interested in verifying how patriarchy and social conservatism are evidenced, in addition to reflecting on the numerous power relations intrinsic to the matrimonial relationship of Elise and Marcos Matsunaga. For this, I will resort to the postulates of Critical Discourse Analysis, focusing on the social current of Fairclough (2016). In addition, the premises of Del Priore (2013; 2020) and Meira (2016) will be crucial for the discussion about feminism and its multiple faces. The results indicate that the series puts Elise Matsunaga, once again, in the condition of defendant; and this time it is the viewer who defines the sentence. It is also worth noting that the episodes continuously present the strong appreciation of the patrimonial empire built by Marcos Matsunaga, thus accentuating the pressure of the media and society on the murder trial.

Keywords:

Feminism. Heinous crime. Elise Matsunaga.

1. Introdução

As plataformas de *streaming* têm se disseminado velozmente nas práticas sociais pós-modernas. Isso porque as séries, os filmes, os musicais e os documentários se configuram como arquétipos de entretenimento e informação, principalmente no contexto pandêmico que vivenciamos, uma vez que o isolamento social é obrigatório e a expressão “maratona” ganha uma nova conotação, implicando, assim, em novas discussões, novas teorizações.

Partindo dessa premissa, este trabalho tem como objetivo analisar discursos reverberados na minissérie “Elize Matsunaga: era uma vez um crime”. Para isso, recorro à Análise Crítica do Discurso, mais especificamente aos postulados da corrente social desenvolvida por Fairclough (2016). Ademais, convém frisar que os preceitos defendidos por Del Priore (2013; 2020) e Meira (2016) são cruciais para a discussão sobre o patriarcado e o conservadorismo social.

Quanto aos aspectos metodológicos, pontuo que o *corpus* deste artigo é composto por doze fragmentos discursivos, sendo seis reproduzidos por Elize Matsunaga – protagonista da minissérie – e seis enunciados por familiares, advogados, jornalistas, amigos, permitindo, portanto, o confronto de visões acerca do assassinato de Marcos Matsunaga, marido de Elize.

Como resultados esperados, saliento que ao analisarmos, atentamente, os discursos presentes na minissérie é possível percebermos fortes julgamentos sociais, principalmente pelo fato de o crime ter sido praticado por uma mulher, de origem humilde, que residia numa pequena cidade interiorana e que foi garota de programa. Outro quesito que chamou atenção foi a frieza que Elize apresentou na delegacia e no seu julgamento, implicando, assim, em controvérsias nos discursos que serão, aqui, analisados.

2. Mudanças sociais e relações de poder à luz da Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso – ACD – é uma teoria-método que deslanchou na década de 1990, assumindo características bem peculiares,

como a transdisciplinaridade e o ato de centrar foco nos discursos das minorias, como pessoas economicamente desfavorecidas, indígenas, portador de necessidades especiais e mulheres. Ademais, esta abordagem contempla conceitos de grande importância para as Teorias Contemporâneas do Discurso, dentre as quais é válido ressaltar a noção de mudança social e de poder.

Sobre mudança social, é fulcral salientar a tradução da obra de Norman Fairclough, “Discurso e mudança social”, pela Professora Doutora Izabel Magalhães, da Universidade de Brasília, em 2001. Tal feito ampliou as discussões acerca dos estudos críticos do discurso no Brasil, viabilizando, assim, a formação de grupos de pesquisa e produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, em níveis de Graduação e Pós-Graduação, nesta área, dentre os quais os trabalhos de Meira (2012, 2016) estão inseridos.

Ainda sobre a mudança social na visão dos analistas críticos do discurso, destaco que esta é o oposto da tradição, da permanência, da solidez. Nesse viés, é compreensível que em textos cujo objeto de pesquisa se volte para o feminismo, tais conceitos são fundamentais, haja vista existir uma imprecisão entre o que se configura como tradição e como mudança social. A título de ilustração, cito o acúmulo de papéis femininos ao longo dos anos, tendo em vista Meira (2016) ratificar que mesmo trabalhando fora de casa, há submissão financeira em alguns lares.

No que tange às questões de poder, é sabido que em toda organização social há relações de poder, isto é, há a posição do dominador e a do dominado, embora em alguns momentos as hierarquias pareçam sutis ou, até mesmo, não sejam percebidas. Em outras palavras, é possível constatar hegemonia nas relações entre empregador e funcionário; professor e aluno; pais e filhos e, não diferentemente, entre marido e mulher.

A respeito da noção de poder, Dijk (2008), explica que o poder social é definido em termos de controle, visto que determinados grupos exercem controle sobre as ações, atitudes e a forma de pensar dos membros de outros grupos. Nesse sentido, para que esse controle ocorra, alguns fatores se sobressaem, dentre eles: força, dinheiro, status, fama, conhecimento, informação, “cultura” ou, na verdade, várias formas públicas de comunicação e discurso (Cf. MEIRA, 2016).

Partindo dessa premissa, a hegemonia masculina ganha notoriedade neste texto, tendo em vista o interesse precípua em analisar a relação matrimonial de Marcos e Elize Matsunaga. Conforme evidenciado na

minissérie, o patrimônio material de Marcos sugeria que a submissão de sua esposa fosse algo naturalizado socialmente, tendo em vista os costumes e a cultura da sociedade brasileira.

3. *Patriarcado e conservadorismo social até quando?*

Rótulos de que a sociedade brasileira é patriarcal, machista e conservadora nos parece mais um clichê, isso é fato. Todavia, trazer à tona essas adjetivações é crucial para as análises deste trabalho, tendo em vista os discursos que circularam sobre Elize na minissérie.

Nessa conjuntura, é importante contextualizar aqui o cenário em que Elize é, literalmente, protagonista, seja como a esposa ciumenta e passional, seja como a assassina fria e calculista. Até que essas categorizações emergissem e circulassem nas práticas sociais pós-modernas, outros estereótipos foram construídos em torno da relação de Elize e Marcos Matsunaga. Isso porque há um preconceito evidente na sociedade quando um dos cônjuges tem grande poder aquisitivo, implicando na associação de que a outra parte teria, apenas, interesses financeiros e não afetivos/amorosos, como se espera.

A respeito disso, Meira (2016), ao comungar com os preceitos defendidos por Del Priore (2013), explica que a quebra das amarras sociais quanto aos direitos das mulheres foi um processo lento e que ainda apresenta morosidade na atualidade. Por muitas décadas, ser a boa esposa, mãe e dona de casa era tudo que nos cabia. Depois do direito ao voto, do acesso à pílula anticoncepcional e do ingresso no mercado de trabalho, novos comportamentos despontaram, permitindo, então, o questionamento acerca da submissão, da condição de inferioridade, às quais as mulheres eram impostas.

Em contrapartida, é basilar endossar que o patriarcalismo é um quesito que ainda impera na contemporaneidade. Prova disso, é a forma como algumas mulheres são julgadas ao quebrar determinados tabus, como a Elize, ao afirmar na série documental *o hobby* por caçar animais de grande porte, a exemplo de javalis e de veados. Outro comportamento de Elize que implicou em grandes julgamentos foi a contratação de um detetive profissional, para que o possível adultério do marido, Marcos Matsunaga, fosse investigado.

4. “*Elize Matsunaga: Era uma vez um crime*”: Enigmas e protótipos sociais

A plataforma de *streaming Netflix* ganhou popularidade nos últimos anos, em especial no contexto pandêmico mundial, tendo em vista a obrigatoriedade do isolamento social. Como usuária desta ferramenta digital, percebo que a busca por séries e documentários aumentou, fidelizando, assim, um grupo específico, pré-estabelecido previamente e viabilizado pelos algoritmos, visto que eles funcionam a partir da ferramenta de busca.

Mediante essa acentuada notoriedade, resalto, aqui, a título de ilustração, outros trabalhos publicados, cujo objeto de pesquisa foram os discursos veiculados em filmes e séries da *Netflix*, a saber:

- a) Romance ou erotismo? mudanças sociais e empoderamento feminino em “*Bridgerton*” e “*365 DNI*” à luz da ACD.³⁰
- b) Educação sexual e mudanças sociais na página *Quebrando o tabu* e na série *Sex Education*.³¹

Nesses artigos, também fundamentados na área da Análise Crítica do Discurso, discuti aspectos voltados para a abrangência que a plataforma *Netflix* alcançou e o fato dela ser uma forte disseminadora de informação, além de propiciar entretenimento. Outrossim, é pertinente sublinhar que os filmes e as séries baseados em fatos reais tendem a atrair um grande número de espectadores, por gerarem expectativas quanto ao desenrolar da narrativa e o seu consequente desfecho.

Acerca da minissérie escolhida para o desenvolvimento deste trabalho – “*Elize Matsunaga: era uma vez um crime*” –, convém enfatizar alguns aspectos. De início, pontuo que ela está organizada em 4 episódios, que, por sua vez, retratam – e documentam – o crime de assassinato do empresário e bilionário Marcos Matsunaga, marido de Elize. Com subtítulos bem sugestivos³², a minissérie coloca o telespectador na posição de jurado, e consequentemente Elize, mais uma vez, na condição de ré, tendo em vista a forma o documentário foi planejado.

³⁰ Disponível em http://www.filologia.org.br/xiii_SINEFIL/completos/romance_GUIANEZ ZA.pdf Acesso em 11. Ago. 2021.

³¹ Disponível em http://www.filologia.org.br/xii_sinefil/completos/educacao_GUIANEZZA.pdf. Acesso em 11. Ago. 2021.

³² Subtítulos dos quatro episódios da minissérie: 1. Estado civil: viúva; 2. Uma vida de princesa; 3. A infeliz ideia de Elize; 4. Os ecos do crime.

Outro fator de grande relevância é a forma como os discursos foram selecionados e dispostos nos episódios, ou seja, o formato é semelhante a um julgamento, em que a acusação e a defesa vão arrolando os argumentos, a fim de sustentar uma determinada tese.

Mediante à configuração da minissérie, optei por selecionar doze fragmentos discursivos para compor as análises, sendo seis reverberados por Elize Matsunaga – enumerados com a inicial “E”, de 1 a 6 – e seis trechos reproduzidos por advogados, familiares, amigos e jornalistas que tenham se debruçado sobre o caso, desta vez identificados com a letra “O”, de outro, e a sequência numérica de 1 a 6. Ainda sobre as estratégias metodológicas, é necessário explicar que alguns trechos foram grifados, com o recurso digital negrito, para gerar um destaque nos discursos. Vejamos, então, os fragmentos no quadro a seguir e os seus respectivos códigos de identificação³³:

Quadro 1: Fragmentos discursivos de Elize e “do Outro”.

Discursos de Elize Matsunaga	Discursos do Outro
E1: O casamento começou a desabar, “quando descobri que ele tinha outra, há dois anos atrás”. “Eu não imaginava que ele pudesse fazer aquilo”.	O1: “Os relatos indicam que, num primeiro momento, a relação deles era muito harmoniosa, independentemente da condição financeira do Marcos, que era muito superior à de Elize, eles vinham de mundos diferentes” (jornalista).
E2: “Quando começaram as ofensas e ele começou a mudar o comportamento, eu tava tão confusa, não conseguia acreditar no que acontecia. [...] Uma laadeira abaixo meu casamento e eu falei: ‘eu quero me separar’. Ele olhou pra mim e falou: ‘Você acha que alguém da sua reputação vai encontrar um príncipe encantado? Eu conheço homem. Você só vai encontrar alguém para comer a sua b*\$%#@’³⁴. Nessas palavras, dessa forma...”	O2: “Uma vez ele apareceu com ela, apresentou pra todo mundo, a gente tinha zero informações sobre quem fosse ela, onde ele a conheceu. Na minha cabeça passava um pouco isso: “uma moça muito mais nova, loirinha, bonitinha, não sei o quê... tá encantado com ela, etc. [...], caiu um pouco no estereótipo” (amigo de Marcos).
E3: “Cada vez que eu citava outra mu-	O3: “Já que era um dos empresários mais

³³ Os códigos de identificação foram criados por questões metodológicas, isto é, para facilitar a análise do *corpus*.

³⁴ Optei pela supressão do termo mencionado na série, haja vista ter um teor pejorativo, não condizente com um trabalho acadêmico.

<p>lher, ele: ‘Ai, você tá louca, você tá louca’”. [...] “Eu já sei de tudo, eu contratei um detetive. Ai eu lembro que ele me deu um tapa no rosto. Ele nunca tinha feito isso”. Ele negava aquilo de uma forma tão extrema e me colocava numa situação de culpada”. “Será que eu tô doída mesmo?”.</p>	<p>ricos do país, a pressão para que fosse resolvido o quanto antes foi gigante” (jornalista).</p>
<p>E4: “Eu ainda não sei dizer que tipo de emoção que fez eu apertar aquele gatilho. Eu tava sentindo tanta coisa ali. Eu tava sentindo raiva dele, medo, alívio de eu não tá louca”.</p>	<p>O4: “Ele trata a Elize como uma rainha. Era um homem que puxava a cadeira para ela sentar”. “Era uma vida que qualquer mulher que nasceu humildemente gostaria de ter, o luxo que ela vivia”. “Ah, ela deu o golpe do baú” (amigos de Marcos).</p>
<p>E5: “Eu vejo que foi colocado de uma forma totalmente para me diminuir na condição de mulher. Porque um homem contratar um serviço de uma garota de programa, isso é absolutamente normal. Mas, uma mulher estar nessa situação, aí não pode...é imoral”.</p>	<p>O5: “O Brasil mudou muito entre 2012, quando o crime ocorreu, e 2016. Em 2012, pouco se falava sobre direitos da mulher. Esse avanço, num período tão curto, é muito expressivo. E, pra mim, não tem como a gente desassociar isso do caso de Elize” (jornalista).</p>
<p>E6: “Isso é uma sociedade machista”, disse Elize quando foi solicitado o teste de paternidade.</p>	<p>O6: “Atira! Você acha que algum juiz vai dar a guarda para uma puta?” (Marcos Matsunaga).</p>

Fonte: Elaborado pela autora (grifos meus).

Para iniciar as análises dos fragmentos discursivos que compõem o *corpus* deste artigo, julgo relevante elucidar, sucintamente, o suposto objetivo da minissérie “Elize Matsunaga: era uma vez um crime”. Acredito que, por se tratar de um crime hediondo que gerou revolta em familiares e amigos da vítima, a produção entendeu ser viável mostrar “os dois lados da moeda”, isto é, a versão de Elize, principalmente quando apresenta a “justificativa” para o assassinato e para o esquartejamento de Marcos Matsunaga; e a versão dos familiares, amigos e da promotoria, que, desde o início, lutou para que a ré fosse sentenciada com a pena máxima.

Em meio a esse jogo de idas e vindas, a Netflix prende os espectadores, condicionando-os à posição de jurados, de analistas discursivos, permitindo que cada um tire suas próprias conclusões. Sob essa ótica, introduzo as análises dos fragmentos discursivos afirmando que Elize Matsunaga tenta justificar o crime recorrendo às traições cometidas pelo marido, Marcos Matsunaga. Isso fica evidente a partir do trecho E1, quando

ela afirma que o casamento estava desmoronando, porque “ele tinha outra”.

Outro fator de grande peso na relação são as mudanças comportamentais, as ofensas, as agressões, fazendo com que Elize quisesse se separar. Tal decisão gerou uma reação em Marcos, que, conforme o E2, questiona: “Você acha que alguém da sua reputação vai encontrar um príncipe encantado?”. Nesse trecho, é visível o discurso patriarcal e machista de Marcos, como defendem Meira (2016) e Del Priore (2013, 2020). De forma explícita, Marcos coloca em evidência que os homens, geralmente, não valorizam garotas de programa, que o interesse por essas mulheres é especificamente o sexo. Já em E3, é possível comprovar o sentimento de culpabilização de Elize, chegando a refletir “Será que eu tô doida mesmo?”.

O fragmento E4 se volta para o momento em que Elize assume ter assassinado o marido e o que ela sentiu ao fazer isso: “raiva dele, medo, alívio de eu não tá louca”. Como podemos ver, Elize Matsunaga coloca em evidência sua sanidade mental e isto ocorre inúmeras vezes no decorrer da minissérie. Provavelmente, isso se deva ao fato de que mulheres vítimas de agressões, seja ela qual for – verbal, física, psicológica, patrimonial –, tendem a ser rotuladas como loucas e até psicopatas, passível de comprovação ao observamos os comportamentos num dado convívio social.

Em E5 e E6, vê-se categorizações sociais e, em concordância com os preceitos de Fairclough (2016), há tradição, isto é, permanência de valores, costumes e culturas de um povo. É imprescindível endossar, ainda, que houve especulações sobre a paternidade da filha do casal. Conforme apresentado na série, Elize realizou o teste de paternidade, que, por sua vez, veio a confirmação: Marcos é, de fato, o pai biológico da criança. Os depoimentos circulados na série evidenciam que a comprovação da paternidade era necessária, devido ao grande império patrimonial da família Matsunaga e pelos discursos de que o crime tenha sido motivado por questões financeiras.

Quanto aos Discursos do Outro, é visível como alguns elementos do patriarcalismo estão bem nítidos. Primeiramente, destaco o discurso da supremacia financeira, a metáfora do príncipe e da plebeia, pois, em O1, é destacada a superioridade financeira da família Matsunaga e os mundos diferentes dos cônjuges. Em O2, vemos o estereótipo advindo da figura física da Elize, “uma moça muito mais nova, loirinha, bonitinha”, que gerava especulações entre amigos e familiares sobre onde teriam se

conhecido, quem era ela. Semelhante a esse arquétipo da moça mais jovem e bonita, temos o discurso O4, quando se evidencia a vida luxuosa de Elize, o tratamento que Marcos lhes dava – “como uma rainha. Era um homem que puxava a cadeira para ela sentar” – e que isso mais parecia “golpe do baú”, segundo o depoimento de um amigo do Marcos Matsunaga. Ainda sobre a supremacia econômica da vítima, temos o fragmento O3, em que é evidenciada a urgência da investigação, pois Marcos “era um dos empresários mais ricos do país”.

Em relação ao fragmento O5, temos o discurso de uma jornalista, estudiosa do caso, destacando um quesito de extrema importância para o feminismo: “Em 2012, pouco se falava sobre direitos da mulher. Esse avanço, num período tão curto, é muito expressivo. E, pra mim, não tem como a gente desassociar isso do caso de Elize”. O avanço ao qual a jornalista se refere contempla, em especial, a expansão de medidas que garantem a proteção às mulheres, como a ampliação do Disk Denúncia, da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher e, em 2015, a sanção da Lei do Femicídio (Cf. MEIRA, 2016). Tais políticas públicas possibilitaram um novo olhar sobre a violência doméstica, me permitindo inferir que, a partir das escolhas lexicais da jornalista, Elize não seria julgada da mesma forma, se todas essas leis estivessem em vigor na época.

Por fim, o O6, reverberado pela vítima, Marcos Matsunaga, e enunciado por Elize na minissérie, retrata, segundo a ré, uma das últimas coisas ditas por ele: “Atira! Você acha que algum juiz vai dar a guarda para uma puta?”. Este trecho simboliza, notadamente, o conservadorismo social, as ameaças que inúmeras mulheres sofrem quando anunciam o pedido de divórcio. Isso porque a guarda dos filhos ainda é um artifício de chantagem quando as mulheres estão em situação de submissão, quando elas sofrem fortes relações de poder, consoante à teoria de Dijk (2008). Esse jogo que Marcos fez com o psicólogo de Elize foi um dos pontos mais marcantes do julgamento, tendo em vista o advogado de defesa ter se ancorado nas ofensas e agressões que a cliente dele sofreu, até mesmo quando esta apontava uma arma de fogo para Marcos.

5. *Algumas (in)conclusões, reflexões*

Crime hediondo, minissérie documental baseada em fatos reais, informação. Eis algumas palavras de ordem neste texto e, possivelmente, de outros que se voltem para as plataformas de *streaming*, como a *Netflix*. “Era uma vez um crime” (...) A partir deste fragmento, que compõe o tí-

tulo da minissérie em estudo, é possível depreender, mesmo que sutilmente, que há um convite para análise do assassinato, para a discussão do caso e de como ele foi investigado e julgado.

Partindo, então, desse pressuposto, o objetivo deste trabalho foi analisar doze fragmentos discursivos reverberados na minissérie “Elize Matsunaga: era uma vez um crime”, à luz da Análise Crítica do Discurso. Nesse sentido, as noções de mudanças sociais, tradições, bem como de relações de poder, foram de extrema importância para a discussão, a fim de avaliar como os discursos reproduzidos por Elize Matsunaga se opõem aos discursos enunciados por outros sujeitos, talvez por serem oriundos de pessoas diretamente ligadas à vítima, ou, ainda, por ser um suposto discurso da própria vítima, conforme vimos no trecho O6.

Em linhas gerais, a partir dos fragmentos discursivos analisados, é salutar destacar que Elize Matsunaga afirma na minissérie, veementemente, ter sido vítima de um relacionamento abusivo, tóxico, em que sofrera agressões verbais, psicológicas e, até mesmo, física, levando-a ao ato insano (?) de assassinar o marido, o empresário Marcos Matsunaga. Ademais, é pertinente sublinhar que a minissérie não deixa claro o porquê do esquiteamento, e como a filha do casal lida com essa situação, me levando à conclusão de que há muitos pontos obscuros, enigmáticos na série documental.

No que diz respeito aos Discursos do Outro, é possível concluir que a classe social e econômica privilegiada de Marcos Matsunaga implicou diretamente no julgamento, na midiaticização do caso, na propagação de estereótipos negativos sobre a vida de Elize, principalmente da profissão que ela exercia antes do matrimônio: era uma garota de programa.

Em síntese, julgo ser relevante pontuar que outros vieses analíticos seriam perfeitamente aplicáveis, principalmente se levarmos em consideração o caráter transdisciplinar da Análise Crítica do Discurso. Afirmino, também, que propus no título o seguinte questionamento: “Feminicídio às avessas?”. Refletindo sobre isso e por ter conhecimento de incontáveis casos de mulheres assassinadas, por motivos banais, sem que houvesse, sequer, a notificação na mídia, posso inferir que a vida abastada de Marcos Matsunaga foi um fator preponderante para a visibilidade deste caso. Prova disso, é que advogados, jornalistas, e a própria Elize, questionam, no último episódio o porquê de tanta repercussão. Os discursos, em resumo, indagam: “E se a Elize fosse uma empregada doméstica?” “Se o Marcos Matsunaga fosse negro e pobre?” “Teria este crime a

mesma dimensão?” Há também uma reflexão proposta pela jornalista que estudou o caso: “o crime que a Elize comete contra o Marcos, a gente costuma ver na televisão com os personagens invertidos (...) o homem que mata a mulher, porque não aceitava o fim de um relacionamento”.

É interessante mencionar, por fim, que pretendo desenvolver outros trabalhos sobre casos de grande repercussão nas mídias televisivas, impressas e digitais, a exemplo do caso Suzane von Richthofen, que praticou matricídio e parricídio, como também o caso da atriz Daniella Perez, brutalmente assassinada a tesouradas, na década de 1990. Tais intenções visam à valorização dos estudos pautados no feminismo e, consequentemente, na garantia dos direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

_____. *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500-2000*. São Paulo: Planeta, 2020.

DIJK, Teun van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

MEIRA, Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira. *Discurso de mudança e feminismo: estudo crítico da construção identitária feminina nas cartas do leitor da revista Claudia*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.

_____. *Permanências e rupturas nos discursos femininos: estudo crítico na Fanpage Claudia Online*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016. 180f.